

## ANIMAIS MEDIEVAIS E SEUS RASTROS NO BRASIL COLONIAL: UMA PROPOSTA DE LEITURA NEOMEDIEVALISTA

MEDIEVAL ANIMALS AND THEIR TRACES IN COLONIAL BRAZIL: A  
NEO-MEDIEVAL READING PROPOSAL

**Pedro Carlos Louzada Fonseca**

Universidade Federal de Goiás

pfonseca@globo.com

---

**Resumo:** Este trabalho propõe examinar o conceito de neomedievalismo na historiografia especialmente pertinente nos territórios pós-coloniais considerados carentes de uma verdadeira tradição medieval, vistos como sociedades anacrônicas com modos de percepção semelhantemente medievais, fora de sincronia com o presente. Sem maiores contestações a essa teoria, o trabalho apresenta, por meio de um procedimento crítico-analítico, a reflexão de que esse conceito de neomedievalismo pode ser *mutatis mutandis* também aplicado a áreas em processo de colonização, também sem um passado medieval propriamente dito. Tendo por base essa ideia, o trabalho investiga a escrita cronística do Brasil colonial como uma apropriação ideológica e politicamente mobilizada da tradição da literatura dos bestiários medievais com vistas a finalidades não só de fundamento teleológico, mas também promocional em termos utilitários materiais e espirituais. O trabalho reconhece essa finalidade promocional por meio de uma análise comparativa da percepção do mundo animal do bestiário medieval *vis-à-vis* a sua reutilização na cronística do Brasil colonial.

**Palavras-chave:** Animais medievais, cronística do Brasil colonial, Leitura neomedievalista

**Abstract:** This work proposes to examine the concept of neomedievalism in historiography especially relevant in post-colonial territories considered lacking in a true medieval tradition, seen as anachronistic societies with similarly medieval modes of perception, out of synchrony with the present. Without any major challenge to this theory, the work presents, through a critical-analytical procedure, the reflection that this concept of neomedievalism can be *mutatis mutandis* also applied to areas in process of colonization, also without a proper medieval past. Based on this idea, the work investigates the chronicles of colonial Brazil as an ideological and politically mobilized appropriation of the medieval bestiary literary tradition with a view to purposes not only of teleological foundation but also promotional in material and spiritual utilitarian terms. The work recognizes this promotional purpose through a comparative analysis of the perception of the animal world of the medieval bestiary *vis-à-vis* its reuse in the chronicles of colonial Brazil.

**Keywords:** Medieval animals, chronicles of colonial Brazil, Neo-medievalist reading.

Os relatos das crônicas dos descobrimentos e colonização da América Hispânica, apesar de terem sido escritos em um período de significativa renovação cultural e material por que passava grande parte do Velho Mundo nos princípios dos tempos modernos, permaneceram bastante influenciados pela *formula mentis* da tradição cultural consolidada nos longos séculos das hegemonias institucionais da Idade Média.

Stephen Greenblatt, ao comentar sobre as formas e motivos do discurso das crônicas do Novo Mundo em geral, disseminadas principalmente pelo rápido desenvolvimento da imprensa, comenta sobre que a permeabilidade dessa escrita colonialista.<sup>1</sup> Entretanto, essa observação de Greenblatt, apesar de poder informar uma discussão acerca do aspecto humanista-renascentista desse discurso focado na individualização e esforço pessoal dos cronistas, não deve cancelar prontamente as velhas visões de mundo que esses escritores mundonovistas certamente consigo carregavam pautados por métodos de conhecimento medievais muito úteis no processo de familiarização com a nova e incomum realidade americana.

Desse modo, muito comumente os relatos de viajantes e cronistas da América colonial, além da sua responsabilidade documental espontânea ou encomendada, apresentavam o respaldo da tradição medieval que, ligada às estruturas próprias do seu imaginário, se constituía de modelos narrativos bem definidos. Assim, e modalizado pela ainda influente retórica medieval, não é de se estranhar que a grande maioria dos cronistas do Novo Mundo ainda se mostrasse influenciada por tropos, *topoi* e modalidades literárias herdadas da retórica do período medieval, dos quais, muitas vezes, ecoavam aspectos políticos e ideológicos próprios de sua formação sócio-cultural e histórica.

É com esses pressupostos em mente que uma leitura neomedievalista desse tipo de literatura pode ser feita relativamente aos termos de uma apropriação ideológica e politicamente mobilizada da tradição da literatura dos bestiários medievais com vistas a finalidades não só de fundamento teleológico mas também

---

<sup>1</sup> GREENBLATT, Stephen. *Marvelous Possessions: The Wonder of the New World*. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 192, n. 35.

promocional em termos utilitários materiais e espirituais, reconhecendo-se essa finalidade promocional por meio de uma análise comparativa da percepção do mundo animal do bestiário medieval *vis-à-vis* a sua reutilização na cronística do Brasil colonial.

Influenciados por esse gosto pelo simbólico e figurativo do imaginário medieval, muitos cronistas da América de espírito mais conservador, ao se depararem com o dilema de representar uma realidade exorbitante às formas do comum e familiar, sentiam-se amparados pela auctoritas do conhecimento da tradição que, em casos como esse, resolvia confortavelmente a estranheza do inusitado aplicando o método analógico fundamental para o entendimento teológico da criação harmônica do Universo tão caro à visão medieval.<sup>2</sup> Embora ligada, em termos políticos e promocionais, aos planos materiais da colonização, não parece totalmente improcedente ligar essa visão teológica da harmonia cósmica à acomodação das estranhezas da América, o quarto continente a integrar o tradicional *orbis terrarum* no coro universal da Criação.

Uma das mais sensacionais promoções neomedievalistas dessa visão genésica foi, sem dúvida alguma, a materialização do Éden americano, a ideia de que a América pudesse abrigar, literal ou metaforicamente, o jardim sagrado do Paraíso Terreal, o local mais privilegiado para se conferir e localizar as perfeições da criação divina na terra. Assim, a reconstrução especulativa, ideológica e politicamente promocional encontrou na natureza americana lugares ideais para a representação desse *tópos* que aparece mesmo em alguns cronistas tardios, como foi o caso do padre Simão de Vasconcelos, ao escrever a sua *Crônica da Companhia de Jesus* em 1663.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda, comentando sobre a presença dos motivos edênicos e paradisiacos na cronística portuguesa sobre o Brasil colonial, teoriza de forma brilhante uma explicação antropológica e histórica para caracterizar um conservadorismo na preservação de antigos hábitos medievais baseados num espírito de credulidade de caráter régio e teocêntrico da formação

---

<sup>2</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. Modelo e imagem: O pensamento analógico medieval, *Artehis*, n. 2, 1-61, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/cem.9152>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

histórica e cultural da *forma mentis* portuguesa. Esses aspectos históricos e culturais ajudam a explicar não só aquele citado apego português à razão do sensível, imediato, concreto e pragmático mas também o seu consequente desinteresse pela fantasia gratuita, solicitações inquietas, premonições boas ou más, e por aspectos do imaginário voltados para o fabuloso e maravilhas por demais delirantes. Sobre a presença desses aspectos da índole portuguesa nas crônicas coloniais, Buarque de Holanda, comentando a sua capacidade de adesão à realidade e o seu poder de simples credulidade, observa que o seu realismo, apesar da sua credibilidade radicalmente dócil e passiva diante da realidade, não negou as infinitas possibilidades da Natureza e o seu aspecto sobrenatural de direitos eternos:

O mesmo realismo, que se diria antes uma resignação ao real e ao imediato, essa cautelosa e pedestre razão lusitana [...] não devia soar mal à generalidade daqueles marinheiros, aventureiros, colonos, mercadores, cronistas portugueses e a seu fastio por portentos e prodígios. Ainda quando inclinados a admitir as mais excitantes maravilhas da Criação, por onde sempre se declaram, enfim, a glória e a onipotência divinas, não as procuravam expressamente, salvo quando servissem para contentar seu apetite de bens materiais.<sup>3</sup>

É com essa disposição realista, voltada para a visão quase sempre utilitária da realidade observada, que os cronistas portugueses principalmente dos séculos XVI e XVII registraram as suas experiências com a realidade colonial brasileira, policiando a exuberância e o prodigioso dos seres encontrados com uma aparente contenção da *inventio* em que a possibilidade do maravilhoso e do milagroso disciplinava-se como expressão voltada para o pragmático. Essa espécie de obediência e conservantismo, pouco afeitos a novidades especulativas e investigações gratuitas, caracterizou-se, na sua formação original, aquela já comentada inclinação portuguesa para a resignação ao real e ao imediato entendidos como verdades demonstráveis.

Entretanto, essa espécie de despreocupação dos cronistas coloniais portugueses, principalmente do século XVI, com o maravilhoso e fabuloso em nada

---

<sup>3</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 130.

significa uma incapacidade inata do imaginário, muito menos uma incompetência na expressão de uma emoção verdadeira e simples diante das formas deslumbrantes da natureza. Se, por um lado, essa imaginação peculiar resistia aos arrebatamentos que impediam uma abordagem equilibrada do concreto, por outro revelou-se adequada para abarcar aquela velha credulidade portuguesa de raiz religiosa a explicar o prodigioso e as maravilhas com uma reverência realista aceitável e uma surpreendente complacência pelo sobrenatural.

Neste ponto, pode-se fazer uma curiosa aproximação entre este traço antropológico do imaginário português e a natureza e formas do imaginário presentes nos livros bestiários medievais, uma vez que, em ambos, existe um forte substrato de realidade a sustentar as suas imagens. O bestiário havia representado as suas criaturas imaginárias com muita realidade, não apenas transfigurada por um simbolismo metafórico, no qual os seres da natureza falavam aos homens por meio de uma heráldica divina,<sup>4</sup> mas ainda buscada nas formações de outras civilizações, nas quais o mítico se confundia com o real. Da mesma forma, a visão portuguesa sobre as excentricidades da fauna das terras descobertas e colonizadas reproduziu essa mesma característica do bestiário em contar com bases reais para construir as suas imagens figurativas. Mário Martins, estudando a influência do bestiário na literatura medieval portuguesa, comenta o aspecto religioso desse realismo simbólico, presente na visão dos seres da natureza como criaturas criadas por Deus para fins de evangelização.<sup>5</sup>

Foi em momentos mais místicos das crônicas coloniais que esse mesmo pensamento devocional do bestiário medieval esteve presente, quando aquela já comentada moderação da razão portuguesa, com o seu apego à realidade concreta e imediata, cedeu lugar à credibilidade e aceitação do sobrenatural. Desse modo, o prodigioso e mesmo o milagroso foram considerados tão reais e naturais quanto os próprios seres e as coisas, cuja realidade poderia ser comprovada por uma compreensão mais racional.

---

<sup>4</sup> ECO, Umberto. *Art and Beauty in the Middle Ages*. Trans. Hugh Bredin. New Haven and London: Yale University Press, 1986. p. 53.

<sup>5</sup> MARTINS, Mário. Os “bestiários” na nossa literatura medieval, *Brotéria*, Lisboa, v. 52, p. 547-560, 1951. p. 547.

E foi essa mesma naturalidade face ao excepcional que deu uma certa vivacidade ao carácter documental desses cronistas, pois as recorrências figurativas, ligadas ao maravilhoso, foram responsáveis, em muitos aspectos, pela sua qualidade pitoresca e pela sua feliz convivência com o literário, demonstrando que mesmo o suposto discurso histórico, devido ao carácter literário de sua codificação, apresenta um impulso ficcional.<sup>6</sup>

No entanto, como já foi referido, para estes cronistas portugueses, o seu espanto pelas benesses, inclusive paradisíacas, logo ganhou um carácter prático e utilitário. É o que, de forma exemplar, acontece nos *Diálogos das grandezas do Brasil* de Ambrósio Fernandes Brandão, quando o cronista associa o encanto da força paradisíaca, a benevolência e a beleza de tantas espécies animais e vegetais ao uso propagandístico das suas qualidades materiais e seu potencial de exploração e mercado.

Diante das inusitadas estranhezas prodigiosas, impossíveis de uma compreensão mais racional e prática, esses mesmos cronistas portugueses assumiram aquela tradicional postura medieval de conferir à natureza um simbolismo virtuoso de carácter metafísico, divinamente instruído. Talvez, na cronística colonial portuguesa, um dos exemplos mais significativos disso seja o caso da descrição de uma planta misteriosa das florestas brasileiras conhecida como erva-viva ou sensitica, a *mimosa pudica*, em cujo nome latino a ciência botânica cuidaria de perpetuar conotações metafóricas simbólicas de fundo religioso e moralizante, nada estranho à prática do pensamento medieval. Já no século XVII, a intrigante planta motivou o padre Simão de Vasconcelos a fazer dela, talvez, a descrição colonial mais elaborada. Bem ao gosto dos enigmas da tradição barroca, o jesuíta português faz a descrição teologista da virtuosa e estranha planta dizendo que

He planta emula do Sol: em quanto elle vive, vive ella; e em se pondo, com elle se sepulta, enrolando a gala de seus ramos, quasi amortalhada em suas mesmas folhas, tornadas de côr de luto, até passar o triste da noite, e tornar o alegre do dia: segredo só do

---

<sup>6</sup> WHITE, Hayden. *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992. p. 94.

Autor que a fez.<sup>7</sup>

Se as considerações mais elaboradas e exuberantes sobre essa planta corresponderam ao gosto pelo emblemático e pelo hieróglifo, tão comum à retórica religiosa do Barroco, porém, é necessário destacar que o fundo teológico, de raízes medievais, presente na descrição desta planta, foi tão marcante que a tornou mencionada na *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (1576) de Pero de Magalhães Gandavo, um dos primeiros cronistas da era colonial. A referência de Gandavo à sensitiva é significativa na identificação daquela mentalidade pragmática discutida nas crônicas coloniais que ligam aspectos da sua ideologia à tradição medieval. O cronista, após dizer que não mencionaria plantas que não beneficiassem os moradores, porque não davam frutos ou não se sabia para que serviam, abre uma exceção para a sensitiva, por ter uma qualidade muito notável, que poderia causar espanto em todos os lugares. Gandavo, após falar sobre a planta, que ele chama de 'herva viva', conferindo-lhe qualidades personificantes, diz que

[e]sta planta deve ter alguma virtude mui grande, a nós encoberta, cujo effeto nam será pela ventura de menos admiraçam. Porque sabemos de todas as hervas que Deos criou, ter cada huma particular virtude com que fizessem diversas operações naquellas cousas pera cuja utilidade foram criadas e quanto mais esta a que a natureza nisto tanto quiz assinalar dando-lhe hum tam estranho ser e differente de todas as outras.<sup>8</sup>

Algumas das observações feitas até agora ao longo deste estudo tentaram argumentar sobre prováveis correspondências entre algumas características da mentalidade medieval influentes na formação mental portuguesa *vis-à-vis* a sua tendência peculiar para uma percepção e conhecimento mais racionais da realidade brasileira, por onde o promocional e o pragmático se revelavam. Um dos mais interessantes aspectos do bestiário medieval é a presença de um sentido quase

---

<sup>7</sup> VASCONCELOS, Simão de. Notícias curiosas e necessárias das coisas do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil... pelo Padre...*, da mesma Companhia [1663]. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. v. 1, p. cxxxii.

<sup>8</sup> GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil / História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 101.

científico da realidade que, ao lado de um tratamento simbólico e figurativo, informa as descrições da grande maioria das criaturas coloniais.

Dada a assimilação restrita e sóbria dos motivos e devido à diversidade de ênfase e interesse com que as espécies foram escolhidas e tratadas nas crônicas sobre o Brasil dos primeiros tempos de colonização, qualquer abordagem que pretenda esgotar o imenso leque de influências do imaginário bestiário medieval nessa cronística verifica que um levantamento sistemático se torna bastante difícil. Isso porque essa assimilação nem sempre se apresenta de forma literal, clara e consistente, mas sim dispersa em meio a sugestões diversas, cuja plausibilidade deve ser traçada nas entrelinhas a custo de uma verdadeira disposição semelhante ao método arqueológico.

A seguir-se nessa perspectiva, a influência do bestiário nas crônicas coloniais pode ser examinada em suas figurações mais plausíveis e recorrentes, escolhendo-se para tanto, como ponto de partida, os *Diálogos das grandezas do Brasil* de Ambrósio Fernandes Brandão, por se tratar de um livro em que, de forma mais consistente, tais figuras são passíveis de serem rastreadas de forma mais direta, muitas vezes com referências nominais a animais do repertório medieval. Escritos em 1618, os *Diálogos* de Brandão não deixaram de receber a influência do bestiário, constituindo um verdadeiro repositório de significativa parte dos seus conteúdos. A partir desse protótipo, assim escolhido, referências a espécies bestiárias são rastreáveis em outros cronistas, podendo ser analisadas as suas variações e adaptações de motivos que muitas vezes precisam ser garimpados e reconhecidos por suas camadas de caracterização indireta. Para esse rastreamento, exemplos característicos de figuras de animais devem ser discutidos, tendo-se em vista a possibilidade de poderem significar, de forma análoga à finalidade promocional edificante do bestiário, a propaganda figurativa e simbólica que o autor faz das grandezas das terras brasileiras, cuja política de exploração e aproveitamento material constituiu, em última instância, o cerne da sua intenção apologética.

Um caso peculiar de disseminação dessa herança bestiária, assim politicamente agenciada em termos do neomedievalismo proposto neste estudo, pode ser encontrado na referência que Brandão faz a um curioso animal híbrido



encontrado nas terras brasileiras. A questão do hibridismo constituiu um tema bastante presente no imaginário animal medieval, sendo assunto para as mais intrincadas elucubrações filosóficas. Enquanto construções imaginárias ou mesmo artefatos produzidos pela imaginação humana, os híbridos medievais pareciam não comprometer, para a mentalidade medieval, aquele mandamento divino da preservação da pureza das espécies, uma vez que a formação compósita de partes excelentes buscadas aos diferentes seres da natureza servia para confluir, por uma espécie de magia simpática, os aspectos e as propriedades da sua perfeição particular.<sup>9</sup>

Essa ideia medieval de que a hibridização poderia produzir excelentes resultados aparece, em seu viés pragmático, nos *Diálogos* na referência de Brandônio a um tipo curioso e singular de híbrido produzido a partir do artifício da natureza. Trata-se de um quadrúpede, de aparência aceitável, resultante do cruzamento de duas espécies distintas, mas compatíveis. A finalidade utilitária de tal animal, considerada em termos de lucro econômico, foi apresentada em um contexto em que se discute o fato de os residentes no Brasil não demonstrarem interesse em explorar, de forma planejada, a prodigalidade prodigiosa e paradisíaca da natureza brasileira.

Em correspondência com o motivo de excelência do paradisíaco das terras brasileiras, visto por interesses promocionais e exploratórios, o cronista, reconhecendo a excelência da qualidade comestível do híbrido, retrabalha aquele procedimento medieval que, sintonizado na visão da natureza como bênção divina, consistia na apreciação da realidade dos seres em razão das suas propriedades naturais.

O caso dessa criatura híbrida é um dos muitos exemplos que, nos *Diálogos*, identificam aquela conotação simbólica da natureza concebida pelos medievais, como no bestiário, como instrutora da ação humana e do lucro. Nesse sentido, deve-se considerar que, devido à política colonialista de Brandão, a extraordinária e

---

<sup>9</sup> BENTON, Janetta Rebold. *Medieval Menagerie: Animals in the Art of the Middle Ages*. New York: Abbeville Press Publishers, 1992. p. 16.

exuberante fauna brasileira recebeu um tratamento retórico, em que o simbólico e o figurativo serviram para reforçar o promocional. Na esteira dessa ideia, há vários exemplos, nas crônicas coloniais, em que referências a espécies animais brasileiras bordejam muitos motivos fabulosos ou sobrenaturais nas descrições de animais do bestiário medieval, demonstrando assim uma coexistência confortável do que se pretende como documento com fabulações típicas do imaginário tradicional.

Entre as figuras rastreáveis indicativas desse aspecto, um exemplo pitoresco, para começar-se a examinar essa *menagerie* medieval nas crônicas coloniais, é o caso da figuração de uma temível, mas admirada por suas características fabulosas recorrentes ao bestiário, cobra brasileira que Brandônio identifica por seu nome nativo de boaçú. É a conhecida jiboia ou veado-cobra, porque dizem que o monstro come aquele animal engolindo-o por inteiro. Brandônio, ao descrever para Alviano as diferentes variedades de cobras brasileiras, as mais peçonhentas, acaba abordando o caso dos jiboias, cuja maior peculiaridade, além do seu tamanho inacreditável, da sua forma de caçar pendurada em árvores e do seu hábito de engolir a vítima ao todo, é o poder de serem capazes de “[u]ma cousa assás estranha, a qual é que, depois de mortas e comidas dos bichos, tornam a renascer como a Phenix, formando novamente sobre o espinhaço carne e espírito.<sup>10</sup>

A presença dessa cobra tornou-se referencia quase obrigatória também em outros cronistas. Ela aparece em Pero de Magalhães Gandavo, no seu *Tratado da terra do Brasil* (1576), numa descrição de motivos similares aos de Brandão. Embora Gandavo não se refira, verbatim, à figura da fênix, a razão do renascimento nele está descrita. Depois de ter comigo a sua presa favorita, a besta

arrebenta pela barriga e apodrece com a cabeça e a ponta do rabo sãs; e tanto que desta maneira fica torna pouco a pouco a criar carne nova até que se cobre outra vez da mesma carne tão perfeitamente como dantes: isto virão e experimentarão muitos indios e moradores da terra, a estas chamão pela lingua dos indios giboiosú.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930. p. 254.

<sup>11</sup> GANDAVO, Op. Cit., p.60.

Porém, se Cardim não se refere ao motivo do renascimento dado à jiboia, é em relação a outra cobra que ele o faz, a chamada sucurijuba:

Esta cobra he a mór, ou das maiores que ha no Brasil, assi na grandeza como na formosura [...]Tem huma cadêa pelo lombo de notavel pintura e formosa, que começa da cabeça e acaba na cauda; tem dentes como cão, e aferra em huma pessoa, vacca, veado, ou porco, e dando-lhes algumas voltas com a cauda, engole a tal cousa por inteira, e depois que assi a tem na barriga deixa-se aprofecer, e os corvos a comem toda de modo que não ficam senão os ossos, e depois torna a criar carne nova, e ressurgir como dantes era, e a razão dizem os Indios naturaes he, porque no tempo que apodrece tem a cabeça debaixo da lama, e porque têm ainda em o toutiço tornão a viver: e porque já se sabe isto quando as achão podres lhe buscão a cabeça, e as matam.<sup>12</sup>

No *Tratado descritivo do Brasil em 1587* de Gabriel Soares de Sousa, a jiboia é descrita e comentada por muito tempo, ampliando as observações feitas anteriormente por Gandavo sobre o animal. Portanto, é muito provável que Cardim, para além da disseminada sugestão bestial ofídica também tivesse bebido de fontes como essas para se referir a essa cobra de aparência portentosa e de costume estranho.

A presença constante da jiboia nas crônicas coloniais, tratada com motivos recorrentes ao imaginário da tradição bestial, em que se destaca a imagem de seu renascimento, ainda merece uma possível interpretação simbólica e metafórica quanto à visão da natureza brasileira no contexto ideológico desse tipo de literatura. Nesse aspecto figurativo, estaria presente a ideia fundamental dessa natureza exótica e exuberante, com as suas espécies fabulosas e até conotações míticas, para poder representar uma imensa força criadora, à qual estariam associadas ideias, naturalmente em casos mais agradáveis do que a monstruosidade desta serpente, de prodigalidade, regeneração e fertilidade de uma terra naturalmente disposta a gerar benefícios, convidativa ao empreendimento e exploração colonialistas.

Se a figura da fênix aparece literalmente nos *Diálogos* de Brandão, entretanto, outras referências a várias figuras da tradição bestial só podem ser traçadas

---

<sup>12</sup> CARDIM, Fernão. Do clima e terra do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 55.

indiretamente por meio de um exame mais detalhado da descrição de certas características e do comportamento incomum de certos animais da fauna brasileira. Entre eles, é o caso de um pássaro, de hábito muito estranho, conhecido na língua nativa como guraingaetá. Contrariamente à terrível ferocidade inspirada pela fabulosa boaçú, esta ave apresenta-se, não menos fabulosa, como exemplo e ensinamento da caridade familiar representada pelo amor sofredor e abnegado dos pais pelos filhos. O gurainguetá de Brandão, num expediente inusitado e extraordinário, sacrifica o seu próprio corpo, com prazer delicioso, para obter alimento para os seus filhotes, lembrando assim o pelicano, um dos animais do bestiário que simboliza o amor e o sacrifício de Cristo pelos homens.

Esse pássaro singular é descrito no Diálogo Quinto, quando Brandônio conta a Alviano, comentando sobre as aves brasileiras, entre conhecidas e exóticas, em sua forma costumeira de demorar em descrições de espécies mais dignas de admiração por suas singularidades. Mas dessa vez é Alviano que compara o animal descrito à sua mística contraparte bestiária: “Não se escreve mais dos pelicanos para encarecimento do amor que têm aos filhos.”<sup>13</sup>

Esse mesmo motivo de amor materno, simbolizado pelo pelicano, é mencionado por Gandavo em relação aos bogios, cujas fêmeas, assim que dão à luz, “[p]egão-se os filhos nas suas costas e sempre andão cavalgados nas mãos até serem bem criados. E posto que a persigão e as matem não se querem desapegar delas.”<sup>14</sup>

Continuando com o tema do amor dos animais conferido em terras brasileiras, Cardim se refere ao amor fraternal de um estranho animal chamado eirara, que se sacrifica em benefício dos seus semelhantes. O cronista ainda extrai, observando esta virtude do animal, um comentário moralizante e um apelo exemplar aos homens, muito semelhante à intenção edificante do bestiário:

Este animal se parece com o gato de Algalia: ainda que alguns dizem que o não he, são de muitas côres, sc. pardos pretos, e brancos: não comem mais que mel, e neste officio são tão terríveis que por mais pequeno que seja o buraco das abelhas o fazem tamanho que possam entrar, e achando mel não no comem até não chamar os

---

<sup>13</sup> BRANDÃO, Op. Cit., p. 219.

<sup>14</sup> GANDAVO, Op. Cit., p. 105.

outros, e entrando o maior dentro não faz senão tirar, e dar aos outros, cousa de grande admiração e exemplo de charidade para os homens, e se isto assi affirmão os Indios naturaes.<sup>15</sup>

Em Brandão, observou-se que as referências a animais, como no caso da cobra boaçú e do pássaro guaranguetá, são feitas literalmente em relação às espécies bestiárias. No entanto, outros animais, todos eles especiais por causa da sua estranheza e admiração, podem ser rastreados de forma semelhante no bestiário por um processo de abordagem analógica. É o caso de um animal, conhecido na língua dos nativos como jarataquáqua, também conhecido pelo nome de maitacáca ou jaritacáca, talvez o único animal do bestiário de Brandão realmente repelente por suas extraordinárias propriedades escatológicas. Diz-se que esse animal se defende de seus perseguidores usando seus fétidos e impregnantes ventos intestinais, e a sua descrição constitui um delicioso momento de humor.

Quanto à tradição bestiária, a jarataquáqua de Brandonio é uma comparação muito clara com o famoso bonacão, espécie de híbrido de touro e cavalo que, com os chifres voltados para dentro, não tem outra arma de defesa senão o vento quente que, expelido com excrementos, bastava para queimar o que alcançava de longe.

Em alguns cronistas, a razão dessa fétida figura de bestiário não aparece com essas propriedades escatológicas, exceto pelo fedor do seu corpo, sendo identificada em algumas espécies animais da fauna brasileira. É o caso da breve descrição que Jean de Léry, cronista francês do Brasil colonial, faz do sariguá, cujo odor insuportável vem da gordura dos rins. Gandavo chama sariguá o cerigoé de Léry, descrevendo-o detalhadamente e atribuindo ao animal características realmente inusitadas e dignas da maior estranheza:

É, no entanto, em Fernão Cardim e Gabriel Soares de Sousa, nas suas descrições da biarataca e da jagurecaca, respectivamente, que está presente o motivo dos fétidos e insuportáveis ventos intestinais do bonacão do bestiário medieval, como verdadeira arma de defesa. A biarataca de Cardim é um animal mortalmente perigoso, com comportamento estranho e inteligência instintiva, que confere com o conhecido gambá terras brasileiras.

---

<sup>15</sup> CARDIM, Op. Cit., p. 27-28.

Ao lado dessas figuras de animais brasileiros mais diretamente rastreáveis na tradição do bestiário medieval, o sortimento dos *Diálogos* de Brandão se estende por uma enorme quantidade de referências a animais que se caracterizam por um ou outro traço e comportamento incomuns ou mesmo extravagantes, infelizmente muitas vezes descritos de forma sucinta, com a intenção, talvez, de aumentar o impacto que a notícia veiculada por Brandão poderia produzir no temperamento incrédulo do seu interlocutor Alviano. Mesmo assim, e com alguma plausibilidade, a conferência desses animais nos protótipos do bestiário pode ser rastreada. Brandão, dada a impressionante variedade da incomum e estranha fauna colonial brasileira, no Diálogo Quinto, não se exime do seu propósito de apresentar a Alviano, da forma mais completa possível, o seu bestiário brasileiro, apesar de estar ciente da dificuldade que sente em abarcar um repertório tão vasto.

Assim, ao se referir à dificuldade em relatar a profusão de frutos da terra, ele confessa que ela não é tamanha quando comparada com a tarefa de falar sobre a fauna, “tantas aves de diversas calidades, tantos incognitos pescados, diferentes na natureza e fôrma, desconhecidos do mundo, tantas feras silvestres, extranhas nas figuras e inclinações, que requeriam grandes volumes pera se haver de tratar todas ellas.”<sup>16</sup>

Com a finalidade de elencar certos tipos de animais cuja natureza e inclinação indicam uma sutil mas plausível recorrência a espécies da tradição bestiária medieval, pode-se começar com as hyendayas ou jandaias, tipos de pássaros como os milhafres vorazes e daninhos às colheitas, que Alviano compara às harpias da tradição clássica correspondentes às sereias aladas por seu aspecto predatório.

Falando em pássaros brasileiros, Brandão se refere ao macugagá, assim chamado porque grita continuamente, muitas vezes repetindo o próprio nome.<sup>17</sup> Nas crônicas coloniais, principalmente quando os nomes dos animais são reproduzidos a partir dos que recebem na língua nativa, a nomenclatura onomatopaica torna-se bastante frequente. Um procedimento semelhante é adotado no bestiário, que segue de perto a sugestão do método medieval tradicional de

---

<sup>16</sup> BRANDÃO, Op. Cit., p. 218.

<sup>17</sup> Ibidem.

nomear animais baseado em propriedades da sua natureza ou comportamento.

Se tal similaridade de procedimento não parece indicar uma influência específica, no entanto, há que se considerar a presença, nessa crônica e no bestiário, daquela atitude popular típica dos medievais de perceber a natureza como projeção de uma visão animista. Encontrando-se em contato direto com essa natureza, eles acabariam por senti-la inflada com a vitalidade de um espírito criativo próximo à concepção panteísta do mundo.

Ligado a motivos supersticiosos presentes no tratamento de aves bestiárias nefastas e maus presságios, Brandão apresenta a peitica. Embora o cronista se refira, em relação a esse pássaro, às superstições do gentio, acredita-se que esse assunto teve ainda uma correspondência no imaginário do cronista. Ele conta que a peitica era considerada pelos índios uma ave sinistra e irritante, o que os obrigava a fazer coisas extremas, ao vê-la ou ouvir seu canto. As qualidades impertinentes e supersticiosas dessa ave podem ser aproximadas às da noctua (coruja), descrita no bestiário como habitante de lugares lúgubres e tristes, com atributos sombrios, com maus presságios.

Por vezes, as analogias dos animais dos *Diálogos* com os seus homólogos bestiários não se detectam simplesmente em termos de referencialidade física, mas pela aproximação de qualidades e atributos geralmente ligados a esse fundo moralizante presente no bestiário. É o caso, além do já citado exemplo do pássaro gurainguetá, que se aproxima do pelicano por seu amor filial, do peixe camaropim, tomado por Brandonio como modelo de amor e fidelidade conjugal. Falando figurativamente, o personagem parece sugerir, ao conferir essas virtudes aos peixes, um ensinamento moral a ser aprendido com a natureza.

O camaropim de Brandonio, devido ao virtuoso tema com o qual é tratado, pode ser comparado no bestiário à rolinha-comum que sentindo e lamentando a morte do seu parceiro sinceramente, deixando-a viúva, nunca mais procura por outra companhia, insistindo na querida e sentida memória do seu amado companheiro.<sup>18</sup> Alviano, em um dos seus raros momentos de comoção em face das

---

<sup>18</sup> WHITE, Terence Hanbury. *The Book of Beasts: Being a Translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century Made and Edited by T. H. White*. New York: Dover Publications, 1984. p. 145-146.

grandezas do Brasil, faz acerca desse amoroso sentimento do camaropim um comentário bastante semelhante àquela atitude do bestiarista medieval de tentar encontrar, nos seres da natureza, virtudes dignas de louvor cristão, dizendo que “[n]ão é pequeno argumento esse pera se provar que em toda cousa vivente se póde achar amor, posto que em uns em mais cantidade, e em outros em menos.”<sup>19</sup>

Constante em quase todos os cronistas coloniais é a impressão provocada por um peixe extremamente exótico comumente conhecido como *manatee* ou peixe-boi, assim chamado

por se semelhar no rosto case com o mesmo animal, posto que é maior dous tantos, não em ser alevantado, mas na largura e compridão; porque em alguns desta especie se acha mais peso do que têm dous bois. Este pescado se toma e pesca ás farpodas pelos rios aonde desembocam os dagua doce, e comido tem o mesmo sabor e gosto da carne de vacca, sem haver nenhuma differença de uma cousa a outra, em tanto que, se misturarem ambas as carnes em uma panella difficulosamente se conhecerá a uma da outra.<sup>20</sup>

Sobre a estranheza desse peixe, Alviano comenta que ele não deixaria de ter muito escrúpulo “se nos dias de peixe usasse desse pescado; porque entendera que comia carne.”<sup>21</sup>

Essa referência ao peixe-boi apresenta considerações vinculadas a ideias fundamentais que podem ser buscadas no contexto cultural do imaginário medieval. Em primeiro lugar, lembra o discutido debate, argumentado escolasticamente, sobre a identificação da natureza dos seres como resultado do lugar em que vivem, seguindo-se aqui o sistema aristotélico que consistia em distribuir e tipologizar as espécies animais de acordo com o ambiente natural em que viviam, isto é, condicionado aos quatro elementos da ordem cósmica. Seguindo esse raciocínio, a decisão sobre a verdadeira natureza do peixe-boi escolheria qualificá-lo como peixe, uma vez que o seu alojamento está na água. Assim, apesar do gosto de carne bovina, o problema ficaria dedutivamente resolvido.

---

<sup>19</sup> BRANDÃO, Op. Cit., p. 226.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 227

<sup>21</sup> Ibidem.



Esse mesmo raciocínio valeria ainda para o caso da capivára, um quadrúpede brasileiro que, apesar de viver na água, deveria ser considerado carne e não peixe, “[p]orque a tem elle boa e gostosa; além de que, conforme rezam, era bem que fosse tido por carne, por pastar na terra, que é ao que se deve de ter respeito pera semelhante duvidas.”<sup>22</sup>

Esta polêmica questão da identificação da natureza do peixe-boi, em relação à prescrição do uso da sua carne segundo o calendário religioso, pode ser aproximada à dos chamados barnacles geese (gansos bernachas) irlandeses, espécies de animais vegetais que começaram a fazer parte dos bestiários a partir das considerações feitas por Giraldus Cambrensis em *Topografia da Irlanda* (1187). White dedica uma longa seção especial ao tratamento dessas aves curiosas.<sup>23</sup>

A parte da descrição dos gansos-barnachas que mais se aproxima da descrição do peixe-boi de Brandonio refere-se ao fato da justificativa ou não de se poder comer esses animais durante o período da Quaresma. No entanto, por uma questão de conveniência, muita polêmica girou em torno desse assunto, sempre relacionada àquela questão aristotélica de a natureza dos animais estar determinada ao seu habitat como meio e sustento da sua vida.

Ainda no que diz respeito à figura do peixe-boi, pode-se detectar outro aspecto da forma mental do imaginário medieval presente no bestiário. É aquela noção discutida de *similatio oppositorum* (semelhança dos opostos), segundo a qual tudo o que existe em um elemento particular da constituição cósmica tem a sua contrapartida em outro elemento relacionado dessa constituição. Assim, se há boi terrestre, deve haver, em virtude desse princípio, boi aquático. Assim como existe o homem que habita a terra, também deve haver sua contraparte humana residindo no mar. Nesse caso, passou a ser aceito que a deformação ou imperfeição, ou mesmo a noção de monstruosidade, recai sobre a espécie deslocada de sua condição normal de alojamento.

Aparentemente, essa noção de oposições semelhantes encontrou a

---

<sup>22</sup> Ibidem, p. 231.

<sup>23</sup> WHITE, Op. Cit., p. 267-268.

sua formação, na Idade Média e mesmo nos princípios dos tempos modernos, derivada daquela antiga crença em um paralelismo cosmogônico que, desde Platão, persistia, ainda que de forma obscura, na mentalidade ocidental. Para o pensamento medieval, inflado pela religião, esse princípio das oposições semelhantes paralelas ainda estava em perfeito acordo com aquela visão teológica, já defendida por Santo Isidoro de Sevilha no século VII, que concebia o universo como formado por equivalências harmoniosamente equilibradas, por meio das quais o poder e onisciência da criação divina tornam-se manifestos. É o caso dos chamados homens do mar que, dada a noção medieval de paralelismo entre as espécies da terra e do mar, lembram os sereios.

Apesar de não pertencer às crônicas coloniais de autoria portuguesa, o exemplo de Jean de Léry sobre o assunto serve para esclarecer perfeitamente essa questão. O cronista, despertando a curiosidade para o imaginário, conclui, revelando a intenção da sua recepção e provando, assim, o caráter intencional da sua obra, pedindo para o leitor resolver sobre se tratava de um tritão, de uma sereia ou de um bugio marinho, atendendo a opinião de certos autores que admitem existirem no mar todas as espécies de animais terrestres. Léry deixa então o leitor decidir sobre a natureza da criatura, mencionando a comentada noção do paralelismo imaginário medieval entre as coisas dos elementos cósmicos, no caso mar e terra.

Gabriel Soares de Sousa dedica um capítulo inteiro do *Tratado descritivo do Brasil em 1587* aos chamados homens marinhos, lembrando, mais uma vez, essa correspondência mágico-simpática, afirmando, de forma peremptória, a existência desses homens marinhos na Bahia e em seus recessos, chamados upupiará pelos indígenas.

Ao contrário de Léry, o cronista não considera a origem imaginária ou real desses monstros marinhos humanos, atribuindo, no entanto, sua crença aos índios e negros habitantes da terra. Se os marinheiros de Soares de Sousa não trazem referências específicas a motivos que os possam aproximar mais diretamente de figuras da tradição bestiária, é, porém, em Cardim, no tratado *Do Clima e Terra do Brasil* que, segundo a opinião mais autorizada, foi escrito em 1584, juntamente com o tratado *Do princípio e origem dos índios do Brasil*, que tais criaturas podem ser

plausivelmente rastreadas em recorrência a algumas características do conhecido cocodryllus (crocodilo) do bestiário.

O crocodilo, ao qual se pode aproximar esses homens marinhos de Cardim, tem no bestiário um simbolismo muito elucidado e altamente moralizador. Dentre as suas peculiaridades, as mais discutidas são aquelas que metaforizam as características físicas e comportamentais do animal no que se refere à hipocrisia e dissimulação, aspectos que podem ser conferidos aos homens marinhos quanto ao seu provavelmente falso sentimento para com suas vítimas. Os homens marinhos das crônicas coloniais quando matam as suas vítimas soltam seus gemidos de compaixão, porém, não derramam as conhecidas 'lágrimas de crocodilo' do ditado popular, cuja origem certamente remonta à figuração desse animal na época do medieval bestiário, como o *Bestiário Divino* de Guillaume Leclerc. Outro aspecto interessante da figuração iconográfica do crocodilo no bestiário refere-se ao fato de ele ser um predador carnívoro. No bestiário traduzido e editado por White, ele é retratado como um animal quadrúpede feroz, com grandes mandíbulas entreabertas, em uma atitude que sugere a devoração de um homem que está preso em sua boca.<sup>24</sup>

Na iconografia do Novo Mundo, o retrato desse imaginário da devoração das coisas e seres americanos, especialmente brasileiros, tinge-se de propriedades de um discurso do gênero construído pelo colonizador. Como construção simbólica de um verdadeiro complexo psicosssexual, pode ser percebido nas várias, e tornadas comuns, representações da América, na segunda metade do século XVI, como uma indígena seminua, montada, em posição muito natural, em um jacaré, a contrapartida fera brasileira do crocodilo africano.

O bestiário medieval comenta, à sua maneira moralista, que as fezes desse animal serviam para produzir um unguento com o qual prostitutas velhas e enrugadas se mascaravam para se tornarem belas, sendo consideradas, por esse e outros atributos, um símbolo de hipocrisia, vaidade e luxúria. É esse aspecto misógino do bestiário, conferido na figuração do crocodilo que, curiosamente

---

<sup>24</sup> Ibidem, p. 49.

disseminado, aparece na animalização das indígenas brasileiras para, por simbiose com o jacaré, simbolizar a natureza americana sob o prisma androcêntrico, como regida pelo princípio feminino, como uma sombria realidade disfarçada sem, no entanto, deixar de ser luxuriosa. Essa alegoria da América-mulher animalizada, uma das tropologias da conquista, servirá, ideologicamente, para justificar, em nome da civilização patriarcal, o seu controle e domínio ao modelo mercantil dos princípios dos tempos modernos

Nessa esteira ideológica, é bastante frequente, nas crônicas coloniais de conteúdo promocional, a presença de observações severas e discriminatórias sobre a ausência de uma forma de governo mais racional entre os povos indígenas. São criticados por suas crenças e superstições naturais, por seus costumes primitivos de religiosidade, sexualidade, organização social e, acima de tudo, por sua selvageria canibalesca. Em todo caso, símio ou humano em sua forma silvestre degradada, os índios brasileiros não escaparam de serem tratados pela tropologia colonialista da animalização ou bestialização nativa.

Essa animalização ideológica, não só do brasilíndio, mas também do ameríndio em geral, foi realizada por meio de estratégias retóricas realmente admiráveis por seu processo de elaboração e efetivação. Frantz Fanon, considerando a visão maniqueísta do colonizador como transmissor do bem para corrigir o mal bestial do nativo, comenta que

sometimes this Manichaeism goes to the end of its logic and dehumanizes the colonized. Strictly speaking, it animalizes him. And, in fact, the colonizer's language, when speaking of the colonized, is a zoological language. It alludes to the reptile movements of the yellow, to the emanations of the indigenous city, to the hordes, to the stench, to the swarm, to the bustle, to the gesticulation. The colonizer, when he wants to describe well and find the exact word, constantly uses the bestiary.<sup>25</sup>

Ainda ligada a esse processo de animalização do indígena brasileiro, em uma relação dialética com a antropomorfização do animal, outra curiosa espécie da fauna brasileira serviu para configurar a noção de uma realidade natural desordenada em

---

<sup>25</sup> FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 31.

sua indistinção entre nativos e animais, à espera de o *logos* europeu para redimensionar essas categorias por meio da sua ação civilizatória. É o caso curioso do bicho-preguiça das terras brasileiras, que, na tradição do bestiário, pode ser aproximado, pelo seu semblante, à mantícora. Esse animal exótico da fauna brasileira foi notado por quase todos os cronistas, não só por seu rosto e feições estranhas, mas também por sua peculiar frouxidão, maciez e indolência. O fato, comentado por muitos cronistas, de a preguiça ter rosto semelhante ao do homem e ser a imagem da indolência não demorou muito para que este animal fosse escolhido para representar a imagem de uma América povoada por nativos semi-animais, naturalmente carentes de energia superior para a construção de uma civilização.

Tudo parece indicar que a primeira referência a esse animal, nas crônicas coloniais de autoria portuguesa, aparece na *História da Província de Santa Cruz de Gandavo*. O cronista, percebendo a estranha feiúra de seu rosto, além das qualidades que, por onomasía, lhe deram o nome, comenta sobre o animal:

No tratado *Do Clima e Terra do Brasil*, Cardim repete a mesma recorrência descritiva da feiúra dos traços faciais do animal, além de referir-se ao seu aspecto quadrúpede com mãos e pés longos e unhas grandes: “A preguiça que chamão do Brasil, he animal para ver, parece-se com cães felpudos, os perdigueiros; são muito feios, e o rosto parece de mulher mal toucada.”<sup>26</sup>

No capítulo do *Tratado descritivo do Brasil de 1587* de Gabriel Soares de Sousa, intitulado “Em que se declara que bicho é o que se chama preguiça”, o animal, conhecido na língua do gentio pelo nome aí, esse mesmo motivo de feiúra e a estranheza do seu rosto é destacado, repetindo as suas características comportamentais apontadas por cronistas anteriores.<sup>27</sup> Por sua vez, a descrição do animal em Brandão, denominado ahum pelos gentios da terra, não foge à regra, sendo comentada, logo no início dessa descrição, sobre seu rosto com feições estranhas.<sup>28</sup>

Pelo que se pôde observar, todos os cronistas que trataram desse animal o

---

<sup>26</sup> CARDIM, Op.Cit., p. 29.

<sup>27</sup> SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987. p. 256.

<sup>28</sup> BRANDÃO, Op. Cit., p. 248.

descreveram impressionados pela peculiar estranheza do seu rosto, muitos deles aproximando as suas feições às do rosto humano. E é essa característica que pode ser percebida na figura da mantícora no bestiário, descrito como um animal híbrido, nativo da Índia, com rosto de homem, corpo de leão, cauda de ferrão de escorpião e com uma voz sibilante que lembrava as notas de uma flauta.<sup>29</sup>

O que, porém, mais falha em identificar essa fera do bestiário com a preguiça dos cronistas é o fato de o animal brasileiro ser descrito por sua extrema moderação alimentar e lentidão de movimentos, enquanto a mantícora, com sua boca de várias arcadas dentárias, é retratada como especialmente ávida por carne humana, sendo muito rápida em suas corridas em busca de sua presa. Nesse caso, curiosamente, não é a preguiça que é a manticora devoradora, mas outro animal descrito por Léry: os lan-u-are dos indígenas identificados com a onça-pintada,<sup>30</sup> relativamente próximo do tigre que, de acordo com o bestiário, às vezes é identificado como a própria manticora, cujo nome “é derivado de uma antiga palavra persa que significa ‘devorador de homens’, e alguns sugeriram que manticora era simplesmente um tigre comedor de homens.”<sup>31</sup>

Com maior ou menor peso metafórico e simbólico, os animais das crônicas coloniais, principalmente pelo seu exotismo e prodigiosidade, além de apresentarem marcas do bestiário para compor a visão da natureza, também serviram, emprestando motivos dessa tradição bestiária, como figuras em função ideológica norteadora do projeto de conquista e colonização, como, entre tantas outras, foi a aparição do bicho-preguiça das matas brasileiras. O seu aspecto antropomórfico contrasta frontalmente com o aspecto zoomórfico dos brasilíndios, cujos hábitos de ornamentação corporal, aspectos de sua vida e costumes eram constantemente referidos, nas crônicas coloniais, em termos de analogias animais. Nesse caso de transposição, em que o animal adquire feições humanas e o indígena se animaliza, o efeito final só poderia ser o de uma simbiose, em que índios e animais se amalgamavam para simbolizar uma América de anarquia

---

<sup>29</sup> WHITE, Op. Cit., p. 51.

<sup>30</sup> LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Trad. e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 142.

<sup>31</sup> WHITE, Op. Cit., p. 52, n. 1.

selvagem total, à espera do *logos* organizador do europeu.

Nesse ponto, vem novamente à lembrança a maneira como as primeiras imagens da América foram representadas por pinturas, desenhos e xilogravuras já por volta da segunda metade do século XVI: uma indígena nua, adornada com elementos do seu meio natural, com as suas rústicas armas de caça ou de defesa (arco, flecha ou tacape), frequentemente acompanhada por certos animais característicos do exótico ou do selvagem, como naquela famosa ilustração de Theodore Galle (c. 1580), onde o Novo Mundo se apresenta àquele que lhe daria seu nome, Américo Vespúcio, representado pela imagem de uma indígena que tem ao seu lado esquerdo, trepado numa árvore, um bicho-preguiça. A semântica dessas duas imagens, assim justapostas, não poderia ser outra senão a da letargia que, equivalendo o bicho-preguiça à indolente ameríndia reclinada na sua rede, convidava o *animus* europeu para despertá-la em nome da civilização, ao qual podem ser associadas as sugestões de estupro como ‘inocente’ resgate (Fig. 1).



Fig. 1 – *America* (c. 1580). Engraving by Theodor Galle based on a drawing by Jan van der Straet (c. 1575). Photo: The Burndy Library, Norwalk, Conn., USA. Extracted from MONTROSE, Louis. *The Work of Gender and Sexuality in the Elizabethan Discourse of Discovery*. In: STANTON, Donna C. (Ed.). *Discourses of Sexuality: From Aristotle to AIDS*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.

Artigo recebido em 29/05/2021

Artigo aceito em 17/07/2022